

O NEGRO HERÓI E SEU TRAJE: O CONSUMO DE VESTUÁRIO PELO MOVIMENTO DA NEGRITUDE E A SUA ESTRUTURA ANÁLOGA AO MITO DO HERÓI

The costume of The Hero Black: clothing consumption by the Blackness Movement and its structure analogous to the myth of the Hero

Batista, Isaac Matheus Santos; Mestre; Universidade Federal de Pernambuco, isaacmsbatista@gmail.com¹
Rocha, Maria Alice Vasconcelos; Doutora; Universidade Federal de Pernambuco, modalice.br@gmail.com²

Resumo: Usando etnografia, notamos que o consumo de vestuário do Movimento da Negritude tem uma estrutura igual às 3 fases do mito do Herói. 1) Partida: idealização do Negro na África do passado pré-colonização com poder sobre seu corpo, cultura e religião; e seu tráfico ao Brasil. 2) Iniciação: racismo causa morte simbólica do Negro pelo embranquecimento do corpo negro, da cultura negra e das religiões de matriz africana. 3) Retorno: retorno simbólico do Negro à África ideal pré-colonização pelo uso de vestuário que remete positivamente ao corpo negro, à cultura negra e às religiões de matriz africana.

Palavras-chave: Movimento da Negritude; vestuário; o Negro Herói, mito do Herói, antirracismo.

Abstract: Using ethnography, we noticed that the clothing consumption of the Blackness Movement has a structure similar to the 3 phases of the Hero myth. 1) Separation: idealization of the Black in pre-colonial Africa with power over his body, culture and religion; and his trafficking to Brazil. 2) Initiation: racism causes the symbolic death of the Black through the whitening of the Black body, Black culture and religions of African origin. 3) Return: symbolic return of the Black to the ideal pre-colonial Africa with clothing that positively refers to the Black body, Black culture and religions of African origin.

Keywords: Blackness Movement; clothing; The Hero Black; myth of the Hero; antiracism.

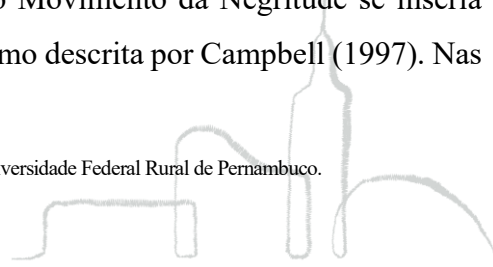
Introdução

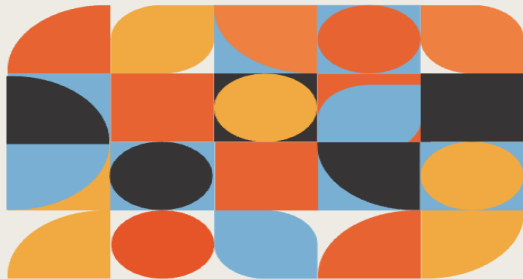
Este artigo resulta de um estudo maior realizado no mestrado em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social na Universidade Federal Rural de Pernambuco (BATISTA, 2019). O objetivo geral da pesquisa de mestrado foi compreender os sentidos das práticas de consumo de vestuário pelo Movimento da Negritude brasileiro na contemporaneidade. Para alcançar esse objetivo, realizamos uma etnografia (KOZINETS, 2010), baseada numa observação-participante prolongada junto ao perfil no Facebook de pessoas negras brasileiras, cujas postagens indicavam seu envolvimento na luta contra o racismo e na promoção da valorização da negritude e da africanidade. No total, 64 pessoas participaram da pesquisa desde meados de 2017 até dezembro de 2018.

Durante a pesquisa, percebemos que o consumo de vestuário pelo Movimento da Negritude se inseria numa narrativa estruturalmente equivalente à narrativa do mito do Herói como descrita por Campbell (1997). Nas

¹ Mestre em Consumo Cotidiano e Desenvolvimento Social pela UFRPE. Bacharel em Design pela UFPE.

² Doutora em Design de Moda. Mestra em Engenharia de Produção. Bacharela em Arquitetura. Professora Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco.



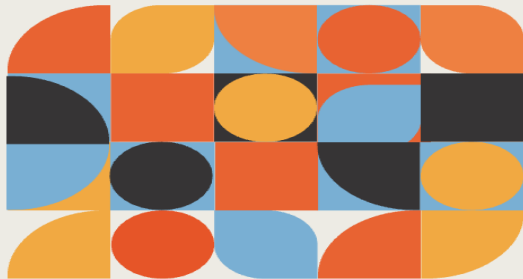


teorias de Lévi-Strauss (2012), de abordagem antropológica estruturalista, o mito é da ordem da linguagem, porém funciona num nível mais elevado. Assim como há fonemas, morfemas e semantemas na estrutura linguística, sendo cada um deles mais complexo que seu anterior, há também os mitemas que são as grandes unidades constitutivas do mito. Lévi-Strauss (2012) elaborou um método para analisar os mitos que leva em consideração as variadas versões do mito na definição da estrutura mítica, e consiste em apresentar cada versão do mito a partir das suas unidades constitutivas distribuídas horizontalmente, da direita para a esquerda, formando colunas enumeradas a partir do numeral 1. Cada versão do mito é posicionada uma abaixo da outra, formando linhas. Assim, o mito apresenta um caráter diacrônico na vertical, e um caráter sincrônico na horizontal, pois cada uma das unidades constitutivas posicionadas na mesma coluna deve possuir um traço em comum que as agrupam como um feixe. Não importa quão deformada é uma versão do mito ou o quão ruim é sua tradução, ela ainda faz parte do mito, e “o mito continua sendo mito enquanto for percebido como tal” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 233).

No livro *O Herói de Mil Faces*, Campbell (1997) trata especificamente do mito do Herói. Seguindo lógica semelhante à de Lévi-Strauss (2012), Campbell faz uma comparação de várias narrativas de sociedades diferentes de modo a encontrar a estrutura mítica sobre as quais são construídas; como resultado, ele revela três grandes unidades constitutivas: 1) “separação ou partida”, 2) “iniciação” e 3) “retorno”. Para Campbell (1997, p. 17-18):

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno, que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito. Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.

Cada uma dessas três unidades é dividida em unidades menores que a elas pertencem, formando no total dezessete unidades que compõem o mito do Herói. Devido ao espaço limitado do artigo, iremos focar de maneira geral nas três grandes unidades do mito do Herói: a separação ou partida; a iniciação; e o retorno. Faremos isso, mostrando como o Movimento da Negritude constrói uma narrativa do que chamaremos de “Negro Herói”, que é um “Negro” genérico que aparece no discurso do Movimento da Negritude no Brasil e que engloba os negros e negras do passado e do presente numa narrativa estruturalmente análoga ao mito do Herói, a qual se inicia num passado idealizado dos negros da África pré-colonização, os quais são retirados à força e trazidos ao Brasil (essa é a unidade da separação/partida), lugar onde sofrem violências e uma aniquilação simbólica de seu corpo negro, sua cultura negra/africana e suas religiões de matriz africana (essa é a unidade da iniciação); e que finaliza na redenção desse Negro Herói, o qual retorna simbolicamente à África do passado, inclusive, mas não somente, pelo uso de vestuário que remete ao corpo negro, à cultura negra/africana e às religiões de matriz africana de maneira positiva numa retomada daquela condição idealizada do Negro na África pré-colonização (essa é a unidade do retorno).



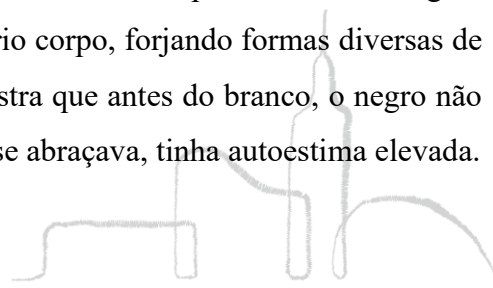
A partida do Negro Herói

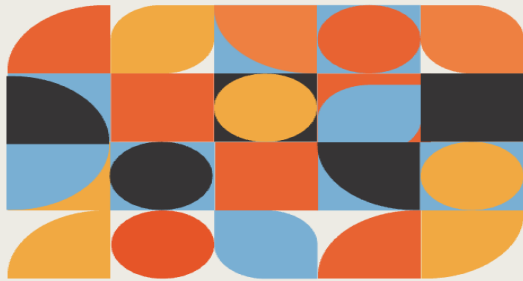
Para os participantes do estudo, a origem do Negro se dá numa África ideal(izada) do passado pré-colonização. Nessa época nostálgica, o Negro do passado é visto como grandioso, livre, poderoso, nobre, glorioso, vencedor e possuidor de autonomia para criar suas próprias formas de manipular o corpo, criar suas manifestações culturais e praticar suas religiões. Também é uma época em que o Negro possui autoestima elevada, amando seu corpo, sua cultura e suas religiões, sem precisar se submeter ao embranquecimento e europeização de seus traços corporais, culturais ou religiosos, pois era um período sem racismo e sem eurocentrismo. Esse é o início da narrativa do Negro Herói. O Branco aparece como o inimigo do Negro Herói, como o vilão que sequestra o Negro Herói de suas terras, atravessa-o pelo Atlântico e o joga na América e no Brasil. Essa é a partida do Negro Herói no discurso do Movimento da Negritude: é a partida forçada do Negro da África ideal(izada) do passado pré-colonização para a América e para o Brasil.

Alguns itens de vestuário usados pelo Movimento da Negritude também têm sua origem situada no passado africano antes da escravidão. Por exemplo, um post feito por um participante propunha uma discussão sobre os turbantes, afirmando que eram usados há milhares de anos por africanos, mas também por indianos e árabes, o que mostraria, para ele, como o turbante está ligado a uma época em que os negros mantinham contato com diversos povos como sujeitos livres e sem necessidade de se submeter aos padrões ocidentais de beleza, e por isso vários povos puderam compartilhar do mesmo item de vestuário. Ainda de acordo com o autor do post, o turbante teria sido trazido ao Brasil pelas mulheres negras e acabado por se tornar símbolo de religiões de matriz africana como umbanda e candomblé.

O ideal do Negro e da África pré-colonização tangencia três áreas: o corpo negro, a cultura negra/africana, e as religiões afro-brasileiras/de matriz africana. Essas áreas serão tangenciadas na iniciação e no retorno também.

Na Figura 1, há um post de Júlia Silva que mostra uma entrevista concedida por Lupita Nyong'o, que foi uma das atrizes do filme *Pantera Negra* (2018). Ao ser indagada sobre o porquê de os negros em Wakanda (nação fictícia que é governada pelo Pantera Negra) não terem cabelos alisados e por que isso seria importante, Lupita afirma que, antes dos colonizadores brancos, os negros na África manipulavam seus cabelos das mais diversas formas, e que o novo não é a manipulação dos próprios cabelos pelos negros, mas a vergonha e rejeição que os negros passaram a ter pelas tranças e cachos. Para a atriz, como Wakanda nunca foi colonizada, os negros ali se amam e possuem seu próprio modelo de beleza independente do padrão eurocêntrico. Esse post constrói os negros do período pré-colonização como criativos e com autonomia sobre o próprio corpo, forjando formas diversas de se embelezarem e inventando seus próprios padrões de beleza. O post mostra que antes do branco, o negro não odiava sua aparência, mas estava satisfeito consigo mesmo; ele se amava, se abraçava, tinha autoestima elevada.

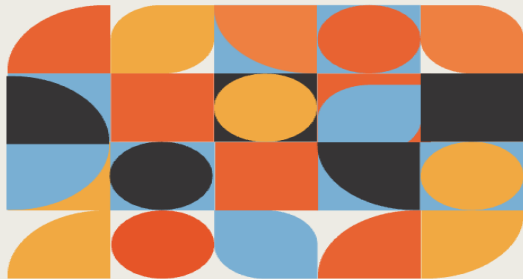




Na mesma figura 1, há um post de Tamires Alencar, no qual ela critica a visão que associa os negros à escravidão, mostrando que isso não é ser negro, mas é apenas uma consequência da cultura e pensamento europeus. Tamires busca referências de um passado anterior à escravidão, mencionando que os negros são criadores das artes, da religião, da arquitetura, da medicina, da matemática e da música. A autora do post ainda menciona que os negros têm mais de 200 mil anos de história, e que os cerca de 500 anos desde o início da escravidão de negros no continente americano é uma mancha na história dos negros, mancha esta causada pelos brancos. Outro post feito por Tamires Alencar mostra um faraó e sua esposa passando a coroa (símbolo de poder) para as gerações atuais de negros e negras. Essa imagem manifesta essa idealização do passado do Negro antes da colonização, ideal este com o qual os negros e negras do presente se identificam; é como se houvesse uma essência nobre, guerreira e divina do Negro do passado que nunca cessasse, mas fosse transmitida de geração em geração até os negros no presente, que também são como os grandes faraós do Egito. Isso é reforçado no post de Rômulo que diz que não quer se identificar com os escravizados, mas que vai um pouco mais longe no passado para se identificar com os negros que eram reis. Na postagem de Pollyana Almiã, ela também menciona que o Egito é parte do continente africano e que era formado por pessoas negras, e solicita que essas histórias grandiosas dos negros sejam contadas também. No geral, os participantes constroem uma noção de que a cultura negra/africana tem origens numa época pré-colonização em que os negros possuíam liberdade, poder e autonomia para criar conhecimentos e práticas diversas, sendo esses conhecimentos e práticas tidos como bons, como positivos. Entendemos cultura negra/africana como um termo êmico usado pelo grupo estudado e em níveis mais amplos da sociedade para se referir à diversas práticas culturais que enfatizam a cor, raça ou etnia negra/africana como critério de diferenciação: no estudo a noção de cultura negra e africana se associou muitas vezes à diferentes tipos música, danças, vestuário, penteados, comida, religiões, entre outras práticas culturais que os participantes associam como tendo origem nos negros ou na África, ou como sendo característicos e distintivos do ser negro ou africano.

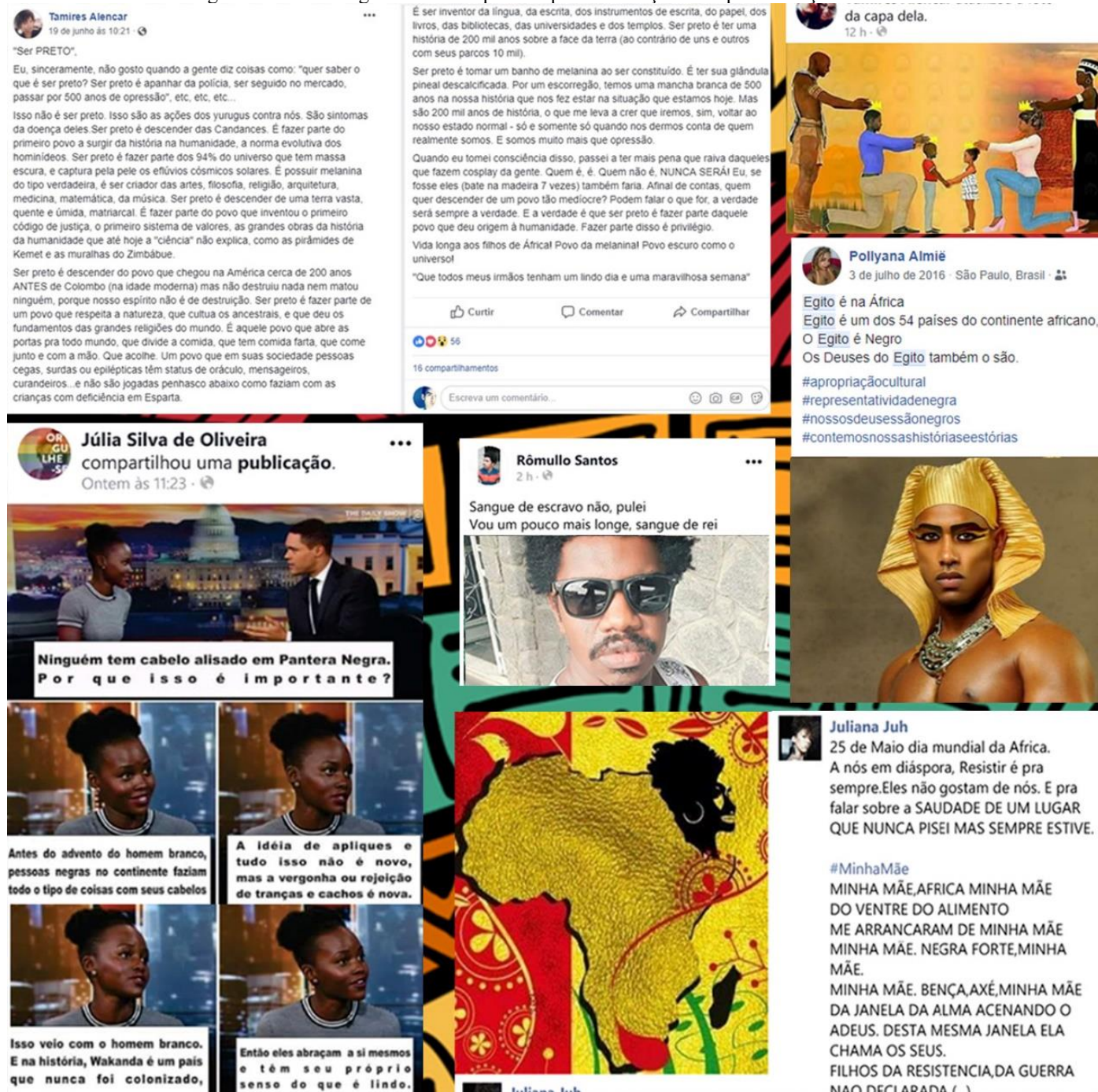
Sobre a religião, Tamires Alencar menciona, na figura 1, que os negros criaram os fundamentos da religião com seu culto aos ancestrais, valorização do respeito à natureza e acolhimento aos diferentes. Pollyana Almiã reforça que os deuses egípcios eram negros, e que os deuses da cultura negra/africana são negros. Novamente, a religião também aparece como uma criação autônoma, boa, positiva do Negro do passado na África pré-colonização.

Vemos, assim, que os participantes comunicam que o corpo negro, a cultura negra/africana e as religiões de matriz africana do passado na África pré-colonização eram manifestações positivas do poder, grandiosidade, liberdade, autonomia e autoestima dos negros daquela época primeva em que ainda não havia racismo e eurocentrismo. Porém, ocorre a partida do Negro, conforme fica bem explícito no post de Juliana Juh, a qual diz que os negros foram arrancados da Mãe África. A figura da Mãe aparece aqui como simbolizando o lugar da perfeição, do bem-estar, da felicidade, onde

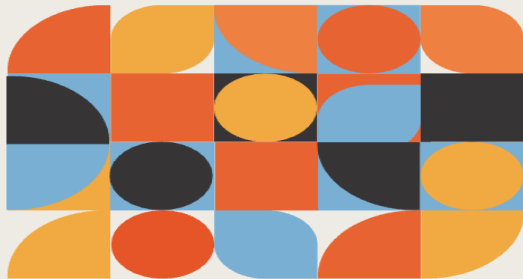


há força, onde há alimento, onde há bençãos, onde há axé, cuidado, segurança, paz. O Negro Herói é separado desse lugar de conforto que a África pré-colonização representa. É uma separação forçada e dolorosa. É com essa separação que começa a iniciação do Negro Herói, a qual veremos na seção que seguirá.

Figura 1: Ideal de Negro e África do passado pré-colonização e sua partida forçada ao Brasil



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de prints do Facebook dos participantes.

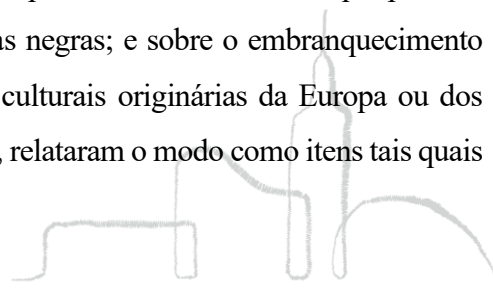


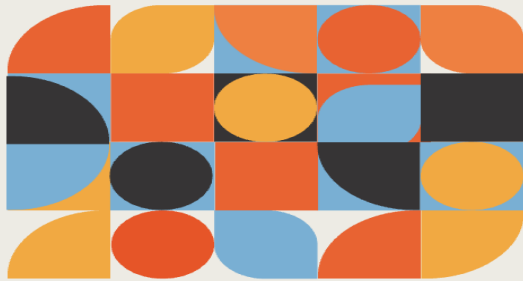
A iniciação do Negro Herói

O lugar para onde o Negro Herói foi trazido após sua partida da África ideal do passado pré-colonização é um espaço onde ele tem de enfrentar diversas opressões provocadas pelo racismo e eurocentrismo em relação ao seu corpo negro, à sua cultura negra/africana e às suas religiões de matriz africana. Esse lugar é a América e o Brasil.

Durante a pesquisa, houve vários relatos dos participantes sobre como o racismo e o eurocentrismo prejudicam as pessoas negras em relação aos seus corpos negros. Eles falavam constantemente que a pele escura era o principal sinal que os racializava como negros, e que isso, devido ao racismo, os tornava alvo de preconceito e discriminação, tais como violência e morte, eugenia, menos empatia pelo seu sofrimento, desumanização e inferiorização dos traços diacríticos da “raça” negra em questão de beleza. Na figura 2, podemos ver um post de Cleyton Mendes relatando que as pessoas negras sofrem opressão devido ao eurocentrismo que coloca o corpo branco europeu como padrão, inferiorizando, por outro lado, os traços distintivos do corpo negro, de maneira que as pessoas negras não se reconhecem como bonitas e passam a odiar seus traços corporais que as constroem como negras. Também era relatado pelos sujeitos que além de a cultura racista negar a beleza dos corpos negros, ela também solicita seu apagamento, aniquilamento e embranquecimento. Alguns participantes relataram o alisamento de cabelo e rinoplastia como procedimentos que pessoas negras utilizam como forma de se embranquecer, ou seja, tornar-se mais próximo do padrão de beleza corporal branco e europeu, com objetivos de evitar racismo e provocar uma imagem positiva de seus traços corporais aos seus olhos e aos olhos dos outros. Alguns traços considerados “típicos” ou “distintivos” do corpo negro pelos participantes incluem: cabelos crespos e cacheados; lábios grossos; nariz largo e pele escura. Como podemos ver na figura 2, no post de Soraya, o apagamento do corpo negro ocorre em relação às roupas e acessórios também, pois ela relata que há críticas racistas ao uso de vestuário que destaque traços do corpo considerados da “raça” negra, como críticas ao uso de roupas em tons fortes. Uma outra participante postou certa vez que lhe diziam que pele negra não combinava com a cor amarela; e outra ainda comentou que ouviu o mesmo, mas em relação à cor vermelha.

Muitos participantes contaram que as práticas consideradas da cultura negra/africana também são desvalorizadas, como se vê no post de Claudia (figura 2), a qual diz que a religião, o protesto, a música e a arte das pessoas negras são sempre associadas ao mau e ao negativo devido ao racismo. Houve um sujeito que trouxe uma discussão, certa vez, sobre o aniquilamento simbólico do negro que ocorreria, para ele, na medida em que práticas originárias na África ou originárias dos negros são abandonadas pelas pessoas negras; e sobre o embranquecimento cultural do negro, que ocorreria quando os negros passam a adotar práticas culturais originárias da Europa ou dos brancos. Alguns participantes, como o caso de Leandro em seu post na figura 2, relataram o modo como itens tais quais





os turbantes, estampas étnicas, dashikis, entre outros, causam olhares de desaprovação, risadas e comentários maldosos que solicitam repetidamente que as pessoas que usam essas peças deixem de usá-las e se ajustem ao padrão esperado (o padrão branco e eurocêntrico). Na sua postagem, Leandro aparece usando uma bata com estampa étnica africana, e desafia o padrão branco e eurocêntrico da moda atual, ao se posicionar de braços abertos em frente a uma publicidade com modelos brancos usando roupas não-africanas. Ele diz que está vestido de África, e alguém comenta que ele se torna culturalmente negro ao usar essa roupa e, por esse simples fato, passa a incomodar os outros.

No campo religioso, os participantes comunicam que desde o início do Brasil, os negros têm sofrido com o preconceito religioso. O post do canto inferior esquerdo da figura 2 resume essa noção por meio de imagens: primeiramente aparece a mulher negra adorando seu deus africano, e isso remete àquela época primeira e ideal pré-colonização em que os negros tinham liberdade e poder para criar e cultivar seus próprios deuses; depois aparece um cristão criticando sua religião e dizendo que seu deus é na verdade um demônio, de maneira que sua prática religiosa é desvalorizada e inferiorizada; e por último, aparece o resultado desse embranquecimento religioso e apagamento das religiões de matriz africana, onde a mulher negra passa a adorar os santos cristãos de aparência europeia e abandona o seu deus de matriz africana. Houve menções também a depredações de centros de candomblé e umbanda por parte de pessoas preconceituosas que associam tais religiões ao mal. Alguns participantes relataram ser impedidos de usar os trajes cerimoniais de religiões afro-brasileiras, pois o preconceito e a discriminação são tão fortes que acabam causando violência física contra fiéis dessas religiões e também os prejudicando em seus estudos e empregos, como no caso postado por Wilma (figura 2), a qual afirma que foi proibida de entrar num evento em que iria trabalhar como fotógrafa, pois ela estava de turbante, e a coordenação do evento, racista, afirmou que “macumbeira” não poderia entrar naquele local, sendo a palavra “macumbeira” usada de maneira pejorativa para se referenciar a umbandistas e candomblecistas.

Nessas três áreas (corpo negro; cultura negra/africana; religiões afro-brasileiras/de matriz africana), os participantes notam que há uma morte simbólica de um “Eu Negro” ou um “Eu Africano”, a qual consiste num processo de ressemantização baseado em desenegrecimento/desafricanização e/ou embranquecimento/europeização, o que impediria os negros e negras de perpetuarem representações de si mesmos que remetessem à negritude e à africanidade. Tais processos de desenegrecimento/desafricanização e/ou embranquecimento/europeização ocorrem, segundo os participantes, na medida em que os negros rejeitam usar certas peças de vestuário que remetem, realçam ou fazem notar os significados de negritude e africanidade, sendo que tais peças de roupas e acessórios se associam à tais significados de negritude e africanidade por remeterem, realçarem e fazerem notar o corpo negro, a cultura negra/africana e as religiões de matriz africana. Essa rejeição se dá na busca de evitar a desvalorização e a discriminação que o racismo e o eurocentrismo causam ao corpo negro, à cultura negra/africana e às religiões afro-brasileiras/de matriz africana.

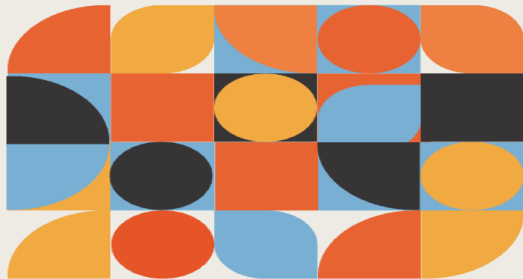
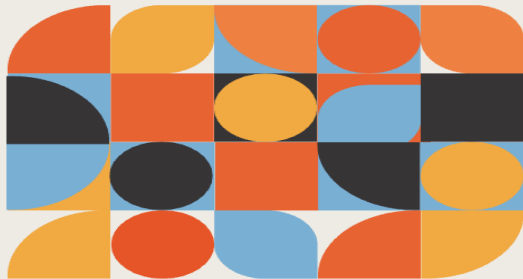


Figura 2: Obstáculos da iniciação do Negro Herói relacionados ao corpo negro, à cultura negra/africana e às religiões de matriz africana



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de prints do Facebook dos participantes.



O retorno do Negro Herói

Conforme os dados etnográficos que obtivemos, os participantes compreendem que existe uma solução contra o apagamento e a aniquilação simbólica do Negro e de sua negritude/africanidade provocados pelo desenegrecimento/desafricanização e pelo embranquecimento/europeização da etapa da “iniciação do Negro Herói”. Essa solução seria o retorno dos negros às práticas associadas à negritude e a africanidade com todos os seus vestuários, objetos, músicas, cultos, cenários e corpos específicos. Desse modo, para o grupo estudado, usar roupas e acessórios associados à negritude/africanidade é um recurso utilizado para construir uma identidade negra/africana, um Eu Negro, em meio a um ambiente tirano que está constantemente tentando destruir essa forma de existir, pois ela seria vista como negativa de uma perspectiva racista e eurocêntrica.

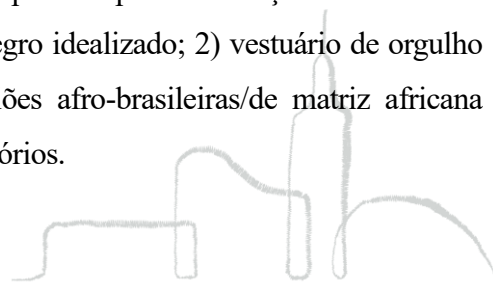
O retorno do Negro Herói o traz de volta ao mundo de onde ele veio antes de ser sequestrado e traficado pelos europeus, porém esse é um retorno simbólico, não literal à África ideal do passado. Esse retorno ocorre, dentre outras formas, na medida em que os negros e negras participantes do estudo realizam o ideal de Negro e África do passado pré-colonização em seu vestuário no presente. Devido o “Negro Herói” ser uma figura genérica que inclui os negros e negras do passado e do presente, os participantes da pesquisa compreendem que seus corpos são belos, como belo era o Negro do passado na África pré-colonização; compreendem que suas práticas culturais negras e africanas são boas e grandiosas, como bom e grandioso era o Negro e sua cultura no passado africano idealizado; se compreendem religiosamente livres e benevolentes como livre e benevolente era o Negro africano do passado que criava e adorava seus próprios deuses de matriz africana.

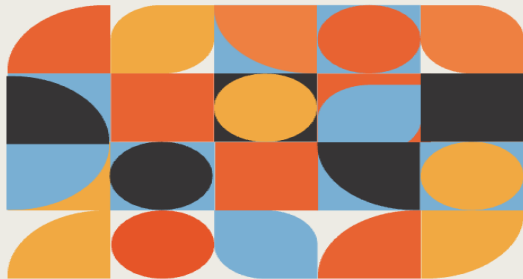
Tais sentidos do retorno do Negro Herói são ilustrados de maneira muito evidente no texto do post de Soninha Nascimento, na figura 4, a qual escreve o seguinte sobre o uso dos turbantes:

Turbante-se. A construção e apropriação do paradigma estético e cultural eurocêntrico atribuíram ao uso dos turbantes um aspecto valorativo que, se não é equivocado, é no mínimo limitado: o de “exótico”. Relega o uso dos mesmos somente às manifestações folclóricas. A importância da apropriação dos turbantes no cotidiano ultrapassa as questões estéticas para ser reconhecido como um ato político de autoafirmação da identidade negra. Valoriza a ancestralidade africana e a resistência aos padrões hegemônicos de beleza.

Nesse post de Soninha fica claro a associação do turbante à valorização positiva da negritude, aos ancestrais do passado africano, à luta contra o racismo e contra o eurocentrismo e ao resgate da autoestima das pessoas negras.

Notamos que esse retorno simbólico do Negro Herói à África ideal do passado pré-colonização ocorre no uso de três grandes categorias de vestuário: 1) vestuário de orgulho pelo corpo negro idealizado; 2) vestuário de orgulho pela cultura negra/africana idealizada; 3) vestuário de orgulho pelas religiões afro-brasileiras/de matriz africana idealizadas. Cada uma dessas categorias inclui subcategorias de roupas e acessórios.



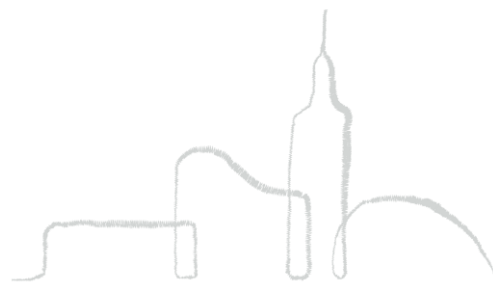


Categoria 1 - Vestuário de orgulho pelo corpo negro idealizado: incluindo como subcategorias os seguintes itens de vestuário: a) brincos com referência ao corpo negro; b) flores no cabelo cacheado e no cabelo crespo; c) imagens de corpos negros estampados em roupas. Exemplos desses itens podem ser vistos na figura 3.

Categoria 2 - Vestuário de orgulho pela cultura negra/africana idealizada: incluindo como subcategorias os seguintes itens de vestuário: a) turbantes; b) vestidos com estampas étnicas africanas; c) batas e camisas masculinas com estampas étnicas africanas; d) estampas étnicas africanas no vestuário em geral; e) tecidos africanos produzidos ou importados da África; f) acessórios com referência direta à África ou ao afro; g) roupas com referência ao Egito. Exemplos desses itens podem ser vistos na figura 4.

Categoria 3 - Vestuário de orgulho pelas religiões afro-brasileiras/de matriz africana idealizadas: incluindo como subcategorias os seguintes itens de vestuário: a) roupas de culto de religiões afro-brasileiras/de matriz africana; b) conchas de búzios; c) roupas diversas que remetem ou fazem referência aos orixás. Exemplos desses itens podem ser vistos na figura 5.

De modo geral, as pessoas do estudo constroem uma narrativa que comunica que o corpo negro, a cultura negra/africana e as religiões afro-brasileiras/de matriz africana têm recebido valores negativos, sido escondidos e aniquilados por processos de desenegrecimento/desafricanização e embranquecimento/europeização. Em contrapartida a isso, são usados itens de vestuário que se relacionam de diferentes modos ao corpo negro, à cultura negra/africana e às religiões afro-brasileiras/de matriz africana num sentido de remeter, realçar ou fazer notar os significados de negritude e africanidade de maneira positiva em resistência aos prejuízos causados pelo racismo e eurocentrismo. Essa qualificação positiva provém de uma idealização do corpo negro, da cultura negra/africana e das religiões afro-brasileiras/de matriz africana na projeção de uma imagem ideal de uma África e de um Negro de um passado pré-colonização; momento no qual o corpo negro, a cultura negra/africana e as religiões afro-brasileiras/de matriz africana ainda não haviam sido inferiorizados e nem desenegrecidos ou embranquecidos pelo racismo e pelo eurocentrismo. Tais categorias de vestuário realizam (imitam) esse ideal de Negro e África do passado pré-colonização no tempo atual, no presente. Assim, os negros e negras do presente demonstram orgulho pelos valores positivos de seu corpo negro, de sua cultura negra/africana e de suas religiões afro-brasileiras/de matriz africana na medida em que utilizam as categorias de vestuário mencionadas.



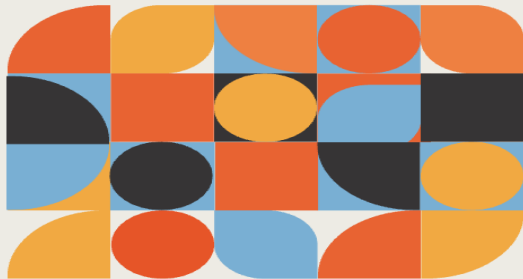


Figura 3: Retorno do Negro Herói manifestado no vestuário de orgulho pelo corpo negro idealizado



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de prints do Facebook dos participantes.

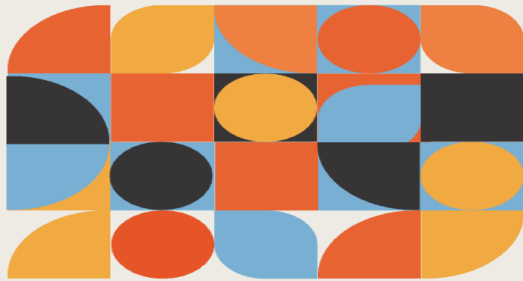


Figura 4: Retorno do Negro Herói manifestado no vestuário de orgulho pela cultura negra/africana idealizada



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de prints do Facebook dos participantes.

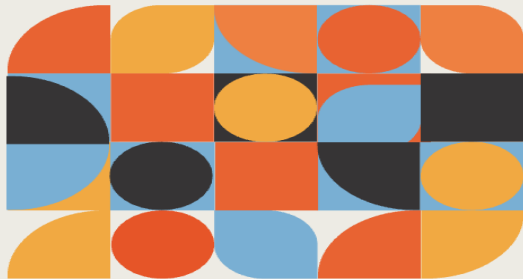
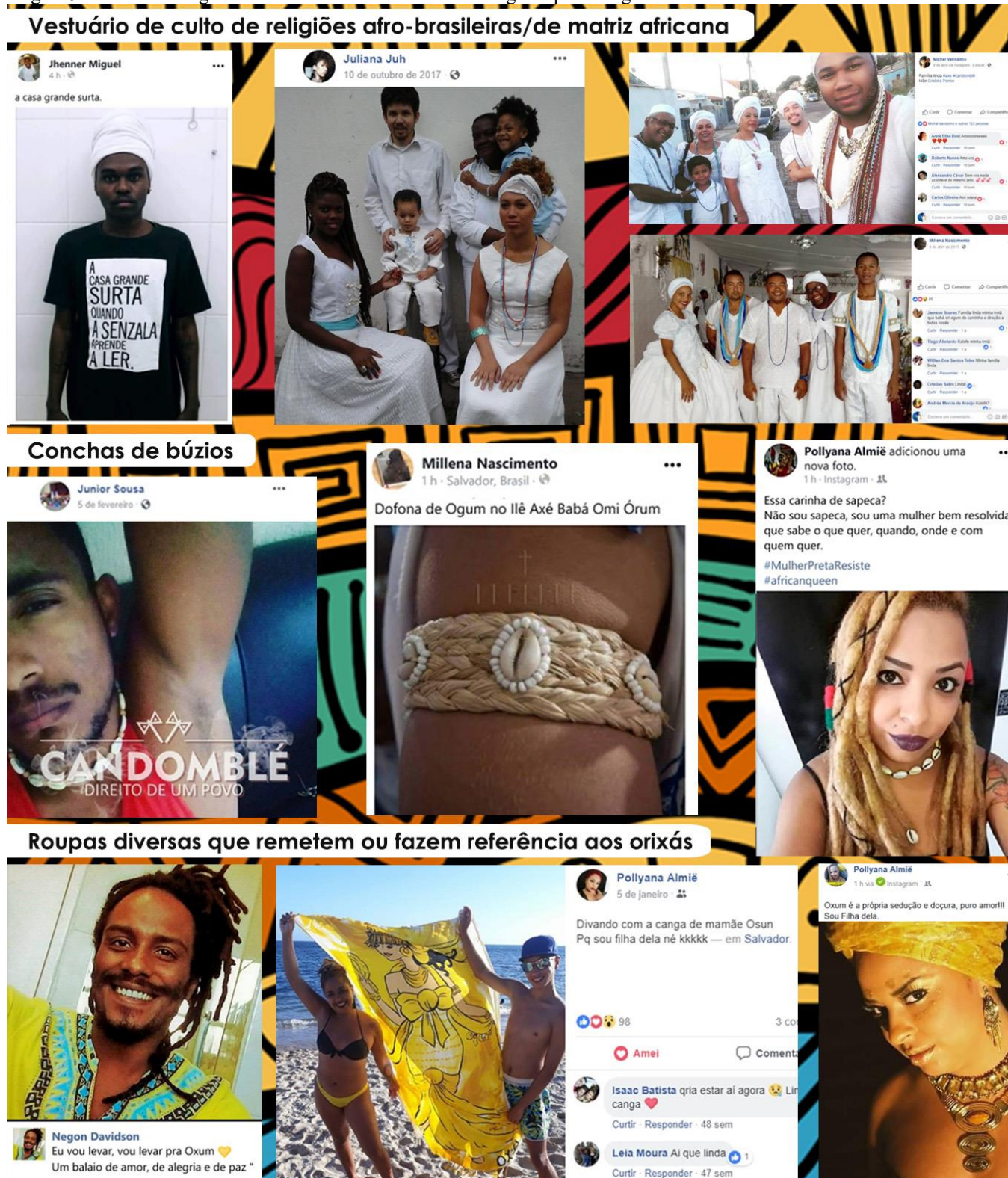
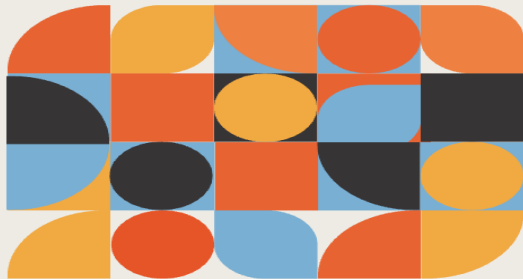


Figura 5: Retorno do Negro Herói manifestado no vestuário de orgulho pelas religiões afro-brasileiras/de matriz africana idealizadas



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de prints do Facebook dos participantes.



Considerações Finais

Este artigo revelou como as práticas de consumo de vestuário pelo Movimento da Negritude brasileiro na contemporaneidade se inserem numa narrativa estruturalmente análoga ao mito do Herói. Identificamos a construção de um "Negro Herói", uma figura genérica que, no discurso do movimento, transcende o tempo e espaço, englobando negros e negras do passado e do presente em uma jornada de sofrimento e redenção.

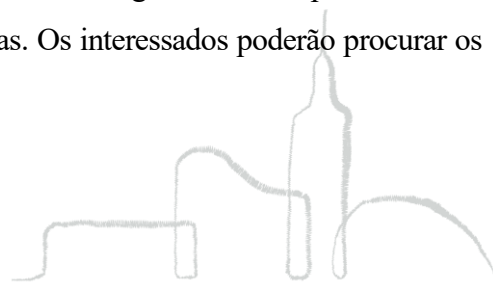
O estudo demonstrou que a narrativa do "Negro Herói" se desdobra em três grandes unidades, ecoando a estrutura campbelliana de separação/partida, iniciação e retorno.

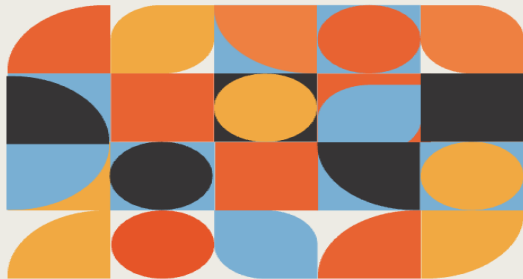
A partida é marcada pela idealização de uma África pré-colonização, um tempo de grandiosidade e autonomia, de onde o Negro Herói foi forçosamente separado pela violência da escravidão. Os itens de vestuário usados pelo Movimento da Negritude remetem à essa África ancestral e sua história de liberdade e poder antes do racismo e eurocentrismo; história essa na qual o Negro era o protagonista.

A iniciação, por sua vez, retrata o árduo percurso do Negro Herói em um contexto de opressão no Brasil e nas Américas. Neste estágio, o racismo e o eurocentrismo impõem uma "morte simbólica" do "Eu Negro" e do "Eu Africano", manifestada no que os participantes do estudo percebem ser uma desvalorização/inferiorização, um desenegrecimento/desafricanização e um embranquecimento/europeização do corpo negro, da cultura negra/africana e das religiões afro-brasileiras/de matriz africana.

Finalmente, o retorno do Negro Herói emerge como sua redenção. Este retorno simbólico, não literal, ao Negro e à África do passado pré-colonização se manifesta no uso de itens de vestuário que remetem, realçam, fazem notar e valorizam positivamente o corpo negro, a cultura negra/africana e as religiões afro-brasileiras/de matriz africana. Itens como brincos que remetem ao corpo negro, flores nos cabelos crespos, estampas étnicas, turbantes e trajes religiosos, aparecem como formas de resgate da autoestima, de enfrentamento do racismo e do eurocentrismo, e de identificação com uma imagem positiva da negritude que imita a projeção do ideal de Negro e de África do passado pré-colonização.

A estrutura do mito do Herói oferece uma lente comparativa robusta para compreender a profundidade simbólica do vestuário em questão. Seria relevante estudar a idealização da África pré-colonização e a construção do "Negro Herói" em outros contextos geográficos e sociais, e em relação a outras práticas culturais como alimento, música, relacionamentos amorosos, cinema e a própria ciência. Os autores irão publicar futuros artigos tratando especificamente e em mais detalhes sobre cada uma das três categorias de vestuário encontradas. Os interessados poderão procurar os futuros artigos para obter mais conhecimento sobre o assunto.





Referências

BATISTA, Isaac Matheus Santos. **O Negro Herói e seu traje**: sentidos do consumo de vestuário pelo Movimento da Negritude na contemporaneidade. 2019. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aXczXMZ7oyuGBV3RvkHnkrMq1VGUCcG8/view?usp=sharing>. Acesso em: 17 jul. 2025.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.

KOZINETTS, Robert V. **Netnography**: doing ethnographic research online. Londres: SAGE, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

